

A vida na arte de Maria Bachkirtseva: uma artista em expressão escrita e pictórica*

Ludmila Menezes Zwick**

Resumo: Neste texto apresento alguns breves trechos do diário de Maria Bachkirtseva (1859-1884) e algumas de suas pinturas, de modo a colocar a expressividade dessa artista como um anseio sublime e ao mesmo tempo visceral por ser humanizada, muito mais do que eternizada. Para apreciá-la como pintora, cabe perceber o quanto a obra escrita dessa artista é compatível com a obra pictórica, de modo a serem quase subordinadas uma à outra.

Abstract : In this text I present some brief excerpts from the diary of Marie Bashkirtseff (1859-1884) and some of her paintings, in order to put the expressiveness of this artist as a sublime and at the same time visceral yearning to be humanized much more than eternalized. In order to appreciate her as a painter, one must realize how much the artist's written work is compatible with the pictorial work, in order to be almost subordinate to each other.

Palavras-chave: Maria Bachkirtseva; diário; pintura
Keywords: Marie Bashkirtseff; diary; painting

* Artigo submetido em 23 de abril e aprovado em 30 de abril de 2018.

** Mestra em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo e doutora em Literatura e Cultura Russa pela mesma universidade. E-mail: apuslynx@gmail.com

Maria Bachkírtseva nasceu em 24 de novembro de 1858 em Gavrontsy, na Ucrânia (então parte do Império Russo), em uma família nobre e rica. Ainda na infância, fez viagens pela Europa com a família, chegando a residir na Alemanha, na Itália e, principalmente, na França.

Conhecida em vida como pintora, Bachkírtseva tornou-se ainda mais conhecida graças à publicação na França de seu diário,¹ poucos anos após sua morte prematura por tuberculose, aos 25 anos. Tratava-se, no entanto, de uma edição parcial, adaptada às preferências e às limitações da moralidade de seu tempo.

A norte-americana Jeannette Leonard Gilder (1849-1916) – uma das primeiras mulheres a trabalhar como jornalista – escreveu no prefácio à edição inglesa do *Diário*² que, embora outras mulheres tenham escrito *tão intimamente* sobre si próprias – entre elas, de modo notável, a matemática Sófía Vassílievna Kovaliévskaja (1850-1891) –, nenhuma delas tivera suas confissões lidas na mesma extensão ou seus escritos chegaram a causar a mesma impressão que os de Maria Bachkírtseva. Para Gilder, na curta história da vida da artista, romance e

¹ Somente entre os anos de 1996 e 2005, Ginette Apostolescu transcreveu e publicou em francês a edição mais completa de seu diário, com dezesseis volumes, feita a partir do manuscrito original da Bibliothèque Nationale de France. Apostolescu dedicou-se à restauração do material ao longo de uma década, tarefa que também implicou decifrar todas as páginas do manuscrito.

² A primeira edição em inglês foi publicada em 1889, por sugestão de Gilder, que, com alguma dificuldade, conseguiu convencer Cassell & Company a publicá-lo. Na ocasião, o chefe da editora americana que recebera o manuscrito da tradutora estava muito incerto quanto ao sucesso do livro, mas Gilder estava confiante e o convenceu. Em poucos meses, as vendas superaram um quarto de um milhão de cópias; o livro foi discutido minuciosamente por críticos em jornais e revistas. Muitos escritores conhecidos e muitas revistas relevantes comentaram a obra; os escritores das revistas *The Century Magazine* e *A Atlantic* a aclamaram como algo único na literatura.

pathos se igualam, e sua precocidade, seu talento e sua morte prematura capturaram a atenção do público e tocaram o coração da jornalista.

O fato de o diário ter sido escrito em francês tem relação não apenas com o fato de ela residir naquele país, mas também com o costume russo das famílias nobres de ter dois professores, um russo e outro francês.

Na apresentação do diário, Bachkirtseva solicita que o leiamos por se tratar de um ser humano que nos conta todas as suas impressões desde a infância; sem qualquer traço de modestia, ela afirma que seria uma leitura interessante como documento humano, o que os leitores poderiam naquela época perguntar a Zola, a Goncourt ou até mesmo a Maupassant. Bachkirtseva afirma ter iniciado o diário aos doze anos, mas informa que sua escrita dessa idade até os dezesseis *não significava nada*. Em seguida, ela apresenta o pai, filho de um corajoso, tenaz, duro e mesmo feroz general da nobreza, nomeado para esse posto após a Guerra da Criméia. Seu avô se casara com a filha adotiva de um grande senhor; ela faleceu aos 38 anos, deixando cinco filhos, entre os quais o pai de Bachkirtseva e quatro irmãs. Ele se casou com sua mãe quando esta tinha 21 anos; após dois anos de casamento, sua mãe levou os dois filhos para a casa dos avós, onde, quando a artista não estava com a mãe ou com os avós, ficava com a tia, mais jovem que sua mãe.

A jovem lamenta sua doença e teme que sua família, ao encontrar o diário em suas gavetas após sua morte, o destruía depois de lê-lo. Se eles assim o fizessem, não restaria nada dela, algo que sempre a aterrorizara: viver, ter tanta ambição, sofrer, chorar e lutar para que ao final lhe restasse apenas esquecimento, como se jamais tivesse existido. Portanto, afirma que se não vivesse o suficiente para ser ilustre, ao menos o seu diário haveria de interessar aos naturalistas. A leitura da vida de uma mulher que escreveu dia após dia, como se ninguém no mundo fosse ler, mas que ao mesmo tempo possuía a intenção de ser lida, deveria sempre despertar curiosidade; a ela restava agora a certeza de que seria compreendida.

II

Em maio de 1870, a família de Maria Bachkírtseva fez uma viagem ao exterior para realizar um sonho muito acalentado por sua mãe, permanecer um mês em Viena e chegar em junho à cidade alemã de Baden-Baden. Enquanto ainda estavam nessa cidade, foi declarada a Guerra Franco-Prussiana, que levou a família a se refugiar em Genebra, num hotel à beira-lago, onde a menina teve um professor de desenho que lhe trouxe modelos para serem copiados.

Bachkírtseva manteve seu diário entre 1873 e 1884. Aos doze anos, residindo em Nice, em janeiro de 1873, escreveu sobre algo que iria ditar boa parte do ritmo dos anos iniciais de sua narrativa: suas preocupações de menina com a aparência e os primeiros amores platônicos. “*Não sou feia, sou bonita, sim, muito bonita. Sou extremamente bem feita, como uma estátua, tenho cabelos muito bonitos, tenho uma maneira muito boa de coqueteria, sei como me comportar com homens.*”³

No mesmo ano, em março, relata ter visto novamente o duque de H.,⁴ a quem dedica certa veneração. Para ela, ele parece um rei quando está em seu carro; na caminhada, ela também relata ter visto várias vezes a amante do duque, de preto, a quem achava linda, não tanto quanto seu penteado, e que era acompanhada de uma comitiva perfeita. Bachkírtseva percebe que tudo em tal senhora é distinto, rico, magnífico e contribui para elevá-la à categoria de grande dama. De certo modo, essa visão, ainda da menina, considera a mulher como um adereço que precisa de investimento para estar bonita e apresentável, a mulher que investe bastante tempo em sua aparência para estar sempre pronta a agradar visualmente. A mulher em questão é elogiada, pois todo o contexto contribui para a sua beleza: a casa, as vestes e a frequência no salão – onde todo o seu visual é aprimorado para torná-la a melhor possível –, es-

³ Bashkirteff, 1955, p. 15 (Tome I).

⁴ Trata-se do nobre escocês William Alexander Louis Stephen Douglas-Hamilton (1845-1895), o 12º duque de Hamilton.

ses são, enfim, seus paramentos de rainha. Bachkirtseva tece ainda uma crítica primária, dizendo não entender a mulher ou mesmo o homem que se negligencia após o casamento; a negligência mencionada relaciona-se à aparência. Infanta, acredita que será uma mulher feliz em cuidar da aparência para agradar ao marido, assim como o agradeu na primeira vez; observa que a mulher retratada de robe e com creme no nariz é uma visão que profana o casamento, ou seja, essa mulher teria que estar sempre impecável. Não deixa de ser esta uma visão comum à época; ela também acreditava que teria de ser grata ao homem que se casasse com ela, e que ele deveria ser sempre agradado.

Mais adiante, em 30 de dezembro, lamenta o abismo que existe entre ela e o duque, especialmente se for com sua família para a Rússia no verão. Ela lamenta: como poderia acreditar que iria tê-lo se ele não pensava nela mais do que na neve do inverno passado? Ela inexistia para ele. Em Nice, poderia existir alguma esperança; partindo para a Rússia, tudo o que pensava ser possível desapareceria. Sente, então, uma dor lenta e calma, e as ideias mais tristes possíveis surgem em sua cabeça após ter imaginado cenas de alegria. Bachkirtseva era uma menina que estava encantada por um duque, despedaçada pelos próprios pensamentos, em especial o de que jamais seria amada por ele. Sem esperança, sente-se desejosa de coisas impossíveis.

Nesse período, encontra-se às voltas com tais questões intimistas; a partir daí atribui a Deus a tarefa de poder realizar tudo, inclusive unir-se ao duque, independentemente do tempo e da distância. Atribui a ele também a bondade, mas questiona o motivo de ele não lhe dar imediatamente aquilo que tanto deseja. Conclui que o onipotente não deixará sua alma repleta de dúvidas. Apaixonada, a menina sente-se realizada ao simplesmente pronunciar o nome do duque, que vê em toda parte; ele se torna o centro de sua existência.

Bachkirtseva encontra-se alheia às questões sociais de seu tempo, vive as angústias e anseios de uma menina da elite, passa boa parte do tempo intrigada com as pessoas dessa clas-

se social, as quais observa e critica com um olhar não distanciado e ainda imaturo, além de ater-se às *suas próprias indagações juvenis* ligadas à ideia de que o mundo deveria sempre atendê-la em seus desejos. Sem qualquer mazela econômica e sem estender o olhar para muito além de seu círculo – envolta por atividades como a compra de vestidos –, a menina revela-se com um humor triste, sem ideias positivas acerca de seu futuro, não porque existam dificuldades palpáveis, mas porque muito de seu cotidiano se configura um tanto monótono.

Frequenta a igreja com a família; mas diz não gostar de muitas coisas em sua religião. Acreditar em Deus e na Virgem Santíssima, mostra-se devota a ponto de rezar todas as noites, mas novamente centra-se em obter de Deus aquilo que deseja, o objeto de sua paixão, o duque que se tornou a substância de seus pensamentos. Roga então para que Deus tenha piedade dela. Há também, nesses primeiros anos de sua escrita, solicitações de auxílio mais corriqueiras, como melhorar seu canto ou aprender inglês em suas aulas particulares, aprendizado este que cobrado pela mãe, que a oprime.

Em muitos instantes, a menina observa os eventos da natureza, como a chuva, ao colocar sua cadeira no jardim. Ou, ainda, sente aquela ânsia comum aos muito jovens: “tenho treze anos; se perder tempo, o que será de mim? Meu sangue ferve...”.⁵ O coração bate e ela não quer ficar parada e aos prantos, essa infelicidade arruinaria sua saúde, seu caráter e a deixaria irritada e impaciente. Sente-se então irritada a cada momento, sortuda por não estar trancada em um convento, mas insatisfeita. A satisfação, em sua visão, poderá chegar apenas quando ela, tendo terminado os estudos de criança, puder cuidar seriamente da pintura, da música e do canto, atividades para as quais julga possuir muito talento.

Há também episódios oníricos, quando sonha que, ao olhar pela janela, avista o sol, parado e coberto por uma nuvem, a se expandir e cobrir quase metade do céu, sem brilho e calor. O sol permanece por alguns momentos imóvel e pálido. Ao final,

⁵ Bashkirteff, 1955, p. 20 (Tome I).

a menina questiona-se sobre o significado de seu sonho, se ele fora enviado por Deus como um aviso ou se seria apenas resultado de seus próprios nervos. E, enquanto “o tempo passa como uma flecha”,⁶ faz reflexões amadurecidas em meio à sua imaturidade:

[...] certa vez pensei que o coração é apenas um pedaço de carne; mas vejo que ele se comunica com o espírito. [...] O coração é um pedaço de carne que se comunica por meio de uma cordinha com o cérebro, que por sua vez recebe as notícias dos olhos ou ouvidos, e tudo isso faz com que seja o coração que vos fale, porque a pequena corda se agita e o faz bater mais do que o normal, e eleva o sangue para a face.⁷

Em meio à sua rotina de estudos, em especial pela manhã, as aulas de música com o professor Manote fazem com que Bachkirtseva se sinta um pouco mais realizada. Compara-se a algumas mulheres da alta sociedade que admira, mas conclui que dali a dez anos poderá ter a idade delas e ser mais bonita. Espera então por algo ainda vindouro, até finalmente vislumbrar o que queria: a vida como sinônimo de Paris. “Viver é Paris!... Paris está viva.”⁸ Antes desse vislumbre da capital francesa, martirizava-se por não saber o que queria.

Em alguns instantes sente-se contente, como no episódio em que decide ter um cavalo, perguntando-se se alguém já teria visto “uma menina como eu com um cavalo de corrida”.⁹ Em estado de graça, ela exalta sua fortuna por poder ter um cavalo, fala em despejar sua taça cheia demais para as pessoas pobres que não possuem nada. O mundo é sua vida, e ele a chama e a espera, enquanto gostaria de correr em direção a ele, ciente de que ainda não tem idade para ir ao mundo, mas anseia por isso.

Em sua opinião, seus sentimentos estão alinhados à mais severa moralidade: caso o objeto de sua paixão se case com outra, deseja então que ele ame a esposa. Enquanto isso, Ba-

⁶ *Op. cit.*, p. 26.

⁷ *Ibid.*

⁸ Bashkirteff, 1955, p. 27 (Tome I).

⁹ *Op. cit.*, p. 30.

chkírtseva segue com a família em viagens constantes. Cita Viena, Milão, encanta-se pela fronteira austríaca, com sua vegetação, o cultivo dos campos e suas casas limpas. Revela-se sensível às belezas da natureza, em sua forma de rochas áridas, ou de oliveiras pálidas, que mais remetem à paisagem morta, mas também a montanhas cobertas de árvores e planícies cultivadas.

Essas planícies, qual tapete de veludo, com seus trabalhadores, eram algo que a fazia permanecer à janela em êxtase sem se cansar. Seu coração enchia-se de admiração por esses campesinos. Sem esquecer completamente sua paixão pelo duque, a menina desfruta as paisagens vistas, questionando a todo instante a dedicação entre os casais, revelando entender que o amor os faria encontrar distrações suficientes um no outro. Observa que a mulher teria então seu coração cheio, sem espaço para outro, apenas se ele não estivesse vazio, dando espaço a outro.

Em dado momento, analisa sua própria escrita, apercebe-se de escrever melhor do que antes em francês, mas não como gostaria. Reflete acerca do futuro de seu diário. Até aquele momento, ele só interessaria a ela própria e a seus parentes próximos, mas gostaria de se tornar uma pessoa reconhecidamente interessante para todos a partir dele. Relata a vinda de seu professor de desenho, a quem dera uma lista de professores de outros assuntos que desejava aprender; o professor intriga-se com a quantidade de coisas que uma menina de tão tenra idade pretende estudar, o que a enfurece, mas o homem se desculpa dizendo ser este o raciocínio de alguém de vinte anos.

Bachkírtseva procura manter seu bom humor em todos os lugares, com o intuito de não se entristecer com arrependimentos nessa vida curta, em que as lágrimas chegam sem que se possa evitá-las. Tenta não estragar a vida com sua pequena miséria. E, então, numa segunda-feira, 13 de outubro, ao procurar sua lição, recebe da pequena governanta inglesa Heder a

notícia de que o duque irá se casar com a duquesa M.¹⁰ Vermelha como fogo, aproximando o livro de seu rosto, sente como se uma faca afiada afundasse em seu peito e começa a tremer tanto que mal consegue segurar o livro. Receosa de desmaiar, leva alguns minutos para se acalmar. Nesse dia, mais tarde, toca piano com fúria.

Algum tempo depois, a visão de Nice muda para a menina; tudo está ligado ao duque e rasga-lhe o coração ver as casas vazias; tudo o que a ligava ao lugar era ele, passa a odiar a permanência ali, não suporta, está entediada. Sua alma sonhadora só pensa nele, sente-se infeliz e sem esperança, clama a Deus para que a salve do infortúnio. Prefere a ignorância dos dias passados sem receber notícias do duque do que a triste verdade que em outros dias se estampam diante de seus olhos, como na sexta-feira de outubro em que as primeiras linhas dos jornais anunciavam o casamento. A pequena, que nesse dia ainda tinha uma aula de latim, ao ver as notícias impressas, caiu de joelhos e chorou. Não haveria palavra no mundo para expressar o que sentia; sentia-se dominada, assolada, morta de ciúmes e inveja. Sentia-se quebrada, embora ciente de que sua tristeza não seria eterna.

Mais tarde, no sábado, 18 de outubro, ainda afirma se sentir como se lhe tivessem arrancado o coração, como se tivesse visto o caixão do amado, embora ele ainda estivesse lá. “Sou uma criatura estranha, ninguém sofre como eu, e ainda vivo, canto, escrevo. Como mudei desde 13 de outubro, o dia fatal! O sofrimento está constantemente estampado em meu rosto.”¹¹ Era como se não possuísse nada no fundo de sua alma: “ele estava em minha alma como uma lâmpada, e a lâmpada se apagou”.¹²

A vida da artista transcorre em meio a viagens com a família, no cotidiano de uma classe social abastada e numa convivência pontuada pela religiosidade, seja pela devoção íntima

¹⁰ Mary Louise Graham, duquesa de Montrose.

¹¹ Bashkirteff, 1955, p. 37 (Tome I).

¹² *Op. cit.*, p. 37-38.

das orações citadas ao longo do diário, seja pela presença no espaço físico da igreja. Em alguns momentos, ela se queixa de estar sempre cercada pela família, sente-se de mãos atadas por tias, avós, pais e professores. Cercada de empregados, a menina diz que jamais seria capaz de se interessar por qualquer homem que se encontrasse abaixo de sua posição. Ou seja, um homem rico e independente traria consigo o orgulho e certo ar confortável, vitorioso, já um homem pobre perderia a metade de si próprio, se tornaria pequeno, miserável e comum.

Bachkírtseva saudou a entrada do ano de 1874 com a família na Rússia. Nesse ano, reflete sobre sua aparência, seu cabelo está mais áspero do que nunca, seu vestido de lã branco e seu cachecol a fazem se parecer com os retratos do primeiro império, e, para completar tal contexto, só lhe faltaria estar debaixo de uma árvore segurando um livro. Num dado momento chega a se considerar uma divindade.

Em Veneza, na entrada do Palácio Ducal, diante da pintura de Paolo Veronese no teto, reflete sobre a expressão dos retratos, pensando que jamais seria capaz de representar bem o seu frescor, a sua brancura incomparável e a sua beleza principal. Já em Paris, em 24 de agosto de 1874, olhando-se no espelho e sentindo-se bonita, fala de seu empenho para alcançar seu sonho de se tornar famosa. Em setembro, de volta a Nice, caminhando com seus cães sob um céu puro, atribui ao lugar a sua saúde e o seu crescimento. Em Marselha, pouco tempo depois, reafirma reconhecer Nice como a sua cidade.

Em viagem pela França, ao comprar um romance em uma das estações, decide jogá-lo pela janela e voltar à sua leitura de Heródoto. Até então, Bachkírtseva *não havia feito menção* às suas leituras. Em 10 de setembro de 1874, numa sexta-feira, já estava em Florença, e três dias depois, sentindo a vida pela frente e que teria tempo para rever essas galerias, escreve: “Amo pintar, esculpir, enfim, amo a arte, onde quer que esteja. Poderia passar dias inteiros nessas galerias”.¹³ Desagrada-lhe a pintura da virgem de Rafael, por estar representada pálida,

¹³ Bashkirteff, 1955, p. 56 (Tome I).

com uma pele a seu ver artificial. Agrada-lhe a obra de Rubens, Van Dyck, Murillo, Paolo Veronese e, especialmente, Ticiano. Fica em êxtase no Louvre e com todas as galerias e palácios escuros.

Muitos episódios narrados no diário comprovam que a menina tinha acesso a uma educação de excelsa qualidade; em 1875, ela relata que seu laboratório está um horror, com todos os frascos, sais, cristais e ácidos amontoados em uma caixa, de modo desordenado. Com raiva, termina de quebrar o que está avariado e deixa intacto o restante. Nesse ano, em conversa com Deus, promete, caso ele se compadeça dela e satisfaça a sua ambição, ir a pé de Khárkov a Kíev ou até a Jerusalém.

Em Roma, em janeiro de 1876, reconhece a França como a sua terra. Seu lugar no mundo oscila entre Nice e Paris. A cidade italiana, portanto, servia apenas aos seus estudos. Em 3 de abril, declara ter mais quinze dias em Roma. Numa quarta-feira, 31 de maio, faz anotações de sua leitura de La Rochefoucauld e menciona leituras anteriores de Horácio e La Bruyère. Nada remete à monotonia nesses dias.

Sexta-feira, 28 de julho, Bachkirtseva *não está na França, onde*, segundo ela, todos os soldados pareciam Napoleão, mas em Berlin com a tia. A cidade remete-a a Florença, pois ali ela vive uma vida similar à que vivia na cidade italiana. São muitas idas e vindas ao longo do diário, inclusive para a Rússia, onde faz menção ao arco de Catarina II, aos niilistas, entre outras observações próprias de alguém que está constantemente enriquecendo seu olhar com imagens distintas a todo instante. No Natal de 1876, uma segunda-feira, relata ter saído no dia anterior de San Remo, com os pais, refletindo sobre uma vida destacada das coisas humanas, como os sentimentos e as nuvens.

No ano de 1877, Bachkirtseva diz se sentir entediada com sua rotina de leituras, desenhos e música. Aspira ao casamento, aspira por Paris com um café em um hotel bem administrado, um bazar e, com a chegada do inverno, a ópera. Em julho, vê bordados antigos e artísticos e outros adereços da nobreza.

Num sábado, 18 de agosto, compara a tia zangada com Hécuba de Homero, e diz não ter ficado com uma lembrança tão limpa e profunda de Dumas ou George Sand como ficara da descrição da captura de Tróia. Faz novos relatos de viagens, como a de uma quinta-feira, em 23 de agosto, para Schlangenbad. Nesse ano, aos dezoito anos, começou oficialmente a pintar.

Em 4 de janeiro de 1878, sexta-feira, escreve Bachkírtseva: “Começo a me tornar como eu queria ser. [...] evito aborrecimentos e reclamações; não faço muita coisa desnecessária”.¹⁴ A partir desse ano, a coisa necessária passa a ser sua arte; além das palavras de seu diário, reforça a sua necessidade expressiva por meio da pintura; aparecem dúvidas e críticas que ela tece a si própria ao se deparar, por exemplo, com desenhos que não a agradam. A certa altura, escreve que irá ao ateliê da Academia Julian¹⁵ para provar que, quando queremos, chegamos aos nossos objetivos, especialmente quando estamos desesperados, machucados, furiosos e impacientes; assim se sentia a artista. Especialmente impaciente.

No ano de 1878, a artista e uma colega da Academia Julian encontram-se num café com o pintor Robert-Fleury, que a elogia e revela esperar muito dela como artista; isso a leva a desabafar: “É com isso que tenho que me relacionar, especialmente em momentos em que toda a minha inteligência é invadida por esse terror inexplicável e aterrador, e em que me sinto afundando em um poço de dúvida, tormentos de todos os tipos sem causa real!”.¹⁶

¹⁴ Bashkirteff, 1955, p. 41 (Tome II).

¹⁵ A Academia Julian, fundada por Rodolphe Julian em 1868, era a única instituição que admitia artistas mulheres para estudar arte. Maria Bachkírtseva integrou o quadro da Academia em 1877; a artista manifestou-se no periódico feminista *La citoyenne* (“A cidadã”) solicitando que as mulheres pudessem frequentar a Escola Estatal de Belas Artes tal como os homens. Na Academia Julian, Bachkírtseva teve colegas como Ana Elizabeth (1856-1949), Anna Bilinska Bohdanowicz (1857-1893), Amélie Beaury Saurel (1849-1924), Emma Guinard (1860-1922), Sophie Schaeppi (1852-1921), Jenny Zilhardt (1857-1939), Augusta Roszmann (1863-1945), Madeleine Delsarte (1853-1927), Anna Nordgren (1847-1926) e Louise Catherine Breslau (1856-1927). Nesse contexto, temos também a fundação da União de Mulheres Pintoras, Escultoras e Escritoras em 1881, por Léon Bertaux (1825-1909).

¹⁶ Bashkirteff, 1955, p. 52 (Tome II).



Figura 1 – No ateliê, 1881, óleo sobre tela, 152,4 x 185,42 cm
Museu de Arte do Estado
(Dnipropetróvsk, Ucrânia)

Sua rotina é de novo formada por seu contato com acontecimentos artísticos, como a ópera, e também religiosos, como o oferecimento de uma ceia de Páscoa, na casa do padre, pela embaixada russa em Paris; nessa ocasião, ela julga estar cercada pelo que há de melhor da Rússia em Paris e questiona o porquê de o príncipe Orloff, então viúvo, não se apaixonar por ela e pedi-la em casamento; assim, ela seria embaixadora em Paris, quase imperatriz.

Num concerto de boêmios russos, numa sexta-feira, 5 de julho, acompanhada de outras cinco pessoas, entre as quais sua tia Dina, citada muitas vezes no diário, ela diz que, para tentar não deixar uma má impressão, convida dois dos mais belos boêmios e duas crianças e lhes oferece sorvete e vinho; por fim, acha muito divertido conversar com essas garotas jovens e virtuosas e poder observá-las de perto; considera-as, pois, exóticas.

Fugindo às chicanas domésticas, absolutamente ociosas, a artista tem o essencial de seu tempo tomado pelas atividades

no ateliê da Academia Julian, onde exalta o brilhantismo da oficina feminina, muito enriquecido pela competitividade entre os professores Robert-Fleury, Jules Joseph Lefebvre e Gustave Boulanger.

Em janeiro de 1879, revela sentir inveja da liberdade de andar sozinha, de sentar-se em bancos dos jardins, entrar em igrejas, museus e andar à noite nas ruas antigas, liberdade essa que seria a condição para se tornar uma verdadeira artista. Além de se sentir um tanto cerceada, a artista trata de frustrações cotidianas na Academia, como nos dias em que trabalhara honestamente, inclusive aos sábados, até as dez da noite, voltando para casa aos prantos e refugiando-se em Deus. Em algumas ocasiões, Bachkírtseva sente-se presa, desolada, sente-se coagida por algumas viagens que tem de fazer, com pessoas que a deixam profundamente infeliz. Ao se deparar com alguns retratos que julga medíocres, obtém certo fôlego diante do retrato de Victor Hugo, de Leon Bonnat, e da pintura de Louise Catherine Breslau.

Em 9 de agosto, uma terça-feira, ela toma seu primeiro banho de mar, como refúgio e desculpa para chorar. Angustia-a o sentimento de que gostaria de ter uma harmonia requintada em todas as minúcias da vida. Mais tarde, ainda em 1879, Bachkírtseva estende esse seu desejo de harmonia requintada à sua devoção aos príncipes e às dinastias, referenciais que fazem parte de seu ideal de convivência, pois estes a sensibilizam e fazem inflamar seu ânimo visual. Sempre que pensava nos grandes homens que serviram a outros homens, sua admiração manca e dissipadora revelava-se uma espécie de vaidade boba; ela achava os servos quase desprezíveis, e assumia-se como fielmente monarquista. Acerca da república, acreditava que, se as pessoas estúpidas escolhem mal, então elas não merecem nada melhor.

Além da devoção religiosa, Bachkírtseva era devota da aristocracia, que, em sua opinião, *não se constrói em um dia, mas também não deve encerrar-se em atrasos*; ela acreditava que os velhos regimes seriam a negação do progresso e da inteligência. Em seu entender, a aristocracia da raça seria abso-



Figura 2 – Joana d'Arc, Jules Bastien-Lepage, 1879, óleo sobre tela, 254 x 279,4 cm, Metropolitan Museum of Art

lutamente confirmada pelas boas maneiras e pela educação; para ela, existiria apenas uma igualdade possível, a igualdade perante a lei; todas as outras igualdades seriam ruins, invenções dos inimigos da liberdade e reivindicações ignorantes. A artista revela-se a favor da manutenção da divisão de classes sociais.

A falta de boas maneiras e de educação acarreta, segundo a sua percepção, a ausência de um governo sério ou de um homem virtuoso, assim como de casamentos por amor e, ainda, de uma arte verdadeira, a despeito de a França ser um país encantador e divertido, com seus tumultos, revoluções, modas, sagacidade, graça, elegância e tudo o que traz charme à vida. Há nesse país a força de alguns pintores, a exemplo de Géricault e, contemporâneo a ela, Bastien-Lepage, mas, em sua opinião, o país jamais produziria o que a Itália e a Holanda produziram em um gênero especial. Admiradora de Émile Zola, ela diz que o levaria a descrever a multidão chata, ocupada, nojenta, correndo, empurrando o nariz para frente, com seus olhos buscadores; sente-se fraca com o calor e o nervosismo.

Em 1880, a artista revela não se sentir ainda suficientemente forte para retratar de modo brilhante um homem, o que faz com que muitos dos retratos que pinta nesse período sejam femininos. Nesse mesmo ano, diante da *Joana d'Arc* (fig.2) de Bastien-Lepage, impressiona-se com a sensação que a imagem lhe proporciona, uma imagem em que o artista consegue retratar as visões dessa personagem como entes suspensos no vazio, como se o efeito de leveza do ar permeasse toda a tela. Para Bachkirtseva, a retratada seria a verdadeira Joana d'Arc, representada na camponesa que se apoia em uma macieira segurando um ramo da árvore com a mão esquerda e braço estendido, enquanto a mão e o braço direito pendem ao longo do corpo, e a cabeça, para trás, faz estender o pescoço para dar ênfase aos olhos claros e prodigiosos fixos no ar. Para a pintora, a cabeça seria a detentora de um efeito impressionante nessa camponesa, que é filha dos campos, estupefata, sofrendo com sua visão. No salão, além dessa obra de Bastien-Lepage, ela enamora-se do *Arlequim* (1880), de René de Saint-Marceaux, que, a seu ver, merecia uma medalha de honra. E embora confesse que possa ter exagerado seu valor, revela que essa escultura lhe abriu olhos.

Domingo, 3 de outubro, Bachkirtseva sentia-se triste; sentia que não havia o que fazer, já haviam se passado quatro anos desde que começara a se tratar de uma laringite com os médi-

cos mais famosos e, ainda assim, sentia que ia de mal a pior. A vida segue seu curso, embora essa sombra a persiga. George Sand a incomoda. Embora concorde que seus romances sejam lindamente escritos, prefere Balzac, Dumas, Zola, Daudet, Musset ou Victor Hugo, que não a incomodam e nem a cansam.

A religiosidade permeia muitas de suas reflexões; num domingo, 4 de novembro, sentiu que deveria ir a Versalhes, ao convento dos capuchinhos. O lugar lhe fazia bem, pois no pátio organizavam-se orações e, apesar da chuva, os fiéis iam se ajoelhar diante da porta selada da capela.

Sua paixão por livros fez-se notar ao longo dos anos. Em 8 de janeiro de 1881, ao declará-lo de modo mais explícito, relata arrumá-los, olhar para eles e alegrar seu coração apenas por avistá-los aos pares, tal como uma pintura. Naquela altura, possuía cerca de setecentos volumes. À noite, já pela altura de abril, quando todas as harmonias divinas fatigadas e parcialmente adormecidas passam por sua cabeça, tal como uma orquestra cuja melodia se desenvolve nela e apesar dela, Bachkirtseva sente-se aflita por não saber se poderá aproveitar o que acontecerá: “Ó cansaço, ó atrocidade! Eu deveria saber isso na minha idade? Não há o suficiente para mutilar um caráter? E é isso que me aflige: se algum dia tiver alguma alegria ou se tiver uma existência feliz, poderei desfrutar dela?”¹⁷

Em 29 de maio, em Gavrontsy, fala de seu pai, que a seu ver está feliz, mas um tanto confuso, por ver o triste efeito que o país tem sobre ela após cinco anos; sem tentar esconder, ela se ressentida do frio, da lama abominável, dos judeus em meio às sinistras sonoridades; é um pobre país, lamenta ela. Os campos ainda estavam inundados pelo rio, havia lama, poças por toda parte, vegetação fresca, lilases em flor; mas tratava-se de um vale. Acometida por uma tristeza mortal, abre o piano e improvisa algo fúnebre. Nesse ínterim, depara-se com cabelos brancos, dois fios bem na frente, e acha horrível.

Alguns meses depois, já na Espanha, onde copiara a mão de Velásquez, em 25 de outubro, descreve Sevilha como uma ci-

¹⁷ Bashkirteff, 1955, p. 269 (Tome II).

dade toda branca, pitoresca, com ruas estreitas que impossibilitam a passagem dos carros e que, com suas casas baixas e caiadas, tem um caráter um pouco burguês. Logo após, visita Toledo, que julga uma maravilha, irritando-se e sentindo-se terrivelmente constrangida por não falar espanhol. De volta a Paris, num sábado, 5 de novembro, sente um enorme arrebatamento, após contar as horas no vagão; o sol ardente da Espanha fizera com que o cinza calmo dessa bela cidade se tornasse delicioso.

Segunda-feira, 2 de janeiro de 1882, escreve: “O que me fascina é a minha pintura; não me sinto digna de dizer ‘minha arte’”.¹⁸ Pouco tempo depois, no dia 21, sábado, em visita ao pequeno Bastien-Lepage – que a ela parece um homenzinho muito feliz consigo mesmo –, com seus cabelos loiros e bretões, nariz arrebitado e barba adolescente, Bachkírtseva relata amar sua pintura, que a enche e aos outros de admiração, medo e inveja. Sua obra seria para a artista como uma poesia penetrante.

Domingo, 17 de dezembro de 1882, a jovem artista torna a exaltar Bastien-Lepage como o verdadeiro, o único e o grande, a quem recebeu em pânico, desajeitada e confusa, chateada e humilhada, por não ter nada para lhe mostrar. Durante duas horas, ele analisou todas as telas da artista, em todos os cantos; nervosa e sorridente, ela tentava impedi-lo de vê-las. Mas Bastien-Lepage era tão grande artista que tentou acalmá-la; porém, foi justamente ele o causador do imenso desânimo que ela sentia, pois a chamava de garota do mundo, assim como Tony Robert-Fleury, o que a deixava louca.

Na segunda-feira, 1º janeiro de 1883, Bachkírtseva escreve sobre a morte do primeiro-ministro francês, León Gambetta, que, após vários dias doente, acabara de falecer. Ela relata não conseguir descrever o efeito extraordinário que essa morte causara, dada a relevância dessa figura para a vida de todo o país. Agora a morte a apavorava, como se ela a estivesse observando. Para a artista, a morte estaria chegando em breve, e

¹⁸ *Op. cit.*, p. 343.

essa existência passageira não seria suficiente, nem proporcional aos seus pensamentos e às suas aspirações artísticas. Acredita que o além existe e que, sem ele, esta vida não poderia ser explicada e Deus pareceria absurdo.

Em Paris, em 1º de maio de 1884, menos de seis meses antes de sua morte – ela viria a falecer em 31 de outubro desse ano –, a artista escreve: “Sim, é óbvio que tenho o desejo, se não a esperança, de permanecer nesta terra, seja por que meio for. Se eu não morrer jovem, espero permanecer como uma grande artista; mas, se eu morrer jovem, quero publicar meu diário, que não pode ser nada além de interessante”.¹⁹

III

Era o então Salão de 1884, o mesmo ano em que Maria Bachkirtseva morreria, após ter pintado mais de duzentas obras em tenra idade; no salão, ela expunha o quadro *Um encontro* (1884), juntamente com um grupo seleto de artistas mulheres.

Diferentemente dos artistas homens, exceção feita a alguns nomes do Impressionismo ou do Cubismo, que perambulavam na miséria pelas ruas de Paris, as poucas mulheres artistas do século XIX nessa mesma cidade pertenciam à elite econômica, e suas temáticas eram dedicadas ao cotidiano familiar e às muitas viagens que faziam – vide o caso de Zinaída Serebrikóva ou o de Mary Cassatt, esta última estreitamente vinculada ao Impressionismo. Outra temática feminina do período remete à arte do retrato, caso de Bachkirtseva.

A obra *Um encontro* (fig. 3) não caracteriza a principal essência expressiva de Bachkirtseva, embora seja certamente uma das melhores. Admiradora tenaz de Bastien-Lepage, o que fica explícito ao longo de seu diário, nessa obra ela inicia uma narrativa pictórica mais urbana, distanciada dos idílios da natureza. A pintura foi aclamada pelo público e pela imprensa, mas

¹⁹ Bashkirtseff, 1955, p. 9-12 (Tome I).

Figura 3 – Um encontro, 1884, óleo sobre tela, 193 x 177 cm, Museu de Orsay



não rendeu à artista a medalha que ela tanto esperava receber antes de morrer. Contudo, essa aproximação de um realismo com temática social ocorreu sem que tivesse tempo de concretizar algo mais personalista nesse sentido. Sua obra estivera voltada para retratos femininos, representando membros de sua própria classe aristocrática, sobretudo do sexo feminino. Em *Um encontro* (fig. 3), a reunião de meninos na esquina contrasta com a pequena menina de costas que, ao se afastar, mantém-se distante das principais discussões. A menina simboliza a mulher que passa, segura seu cesto, realiza sua tarefa, mas não atua como personagem principal de um contexto, apenas como coadjuvante.

Os retratos de Bachkirtseva, embora sejam de mulheres distintas, são todos representativos dela mesma, de seu modo de vida. Assim como em alguns trechos de seu diário, nas obras pictóricas podemos perceber sua admiração por essas mulheres de fino trato. Em suas pinturas mais tardias, além desse afastamento do naturalismo idealizado, vemos também o predomínio do preto, seguido do cerúleo acinzentado, sempre contrastantes com a alvura da tez das retratadas; a ênfase inicial no colorido desaparece (fig. 4). A ansiedade e a pressa juvenil começam a suavizar-se, assim como as tintas utilizadas pela artista; a paleta torna-se mais sóbria.

Num dado momento, a artista escreve ao irmão: “O que acontece, para você não me escrever?”²⁰ O que aconteceria às pessoas do mundo se não dessem atenção à sua expressividade? Era a alma permanente da arte em luta contra o corpo efêmero de sua emissora. Bachkirtseva concretiza na tela e no papel a força de seus intensos sentimentos e de suas inquietas reflexões; começa a escrita como uma criança que se encanta com suas viagens ao mesmo tempo em que se aborrece com sua monotonia, e chega à mocidade cheia de arrebatamentos pelas paisagens vistas e pelo medo de ver morrer ambas as formas artísticas que lhe dão expressividade, assim como haveria de perecer sua forma corpórea. Por sua ânsia de viver pela via do incêndio expressivo da arte, que não se apaga com a morte, a artista, a seu modo, inscreveu seu nome em dois distintos modos de concretização de sentidos: em palavras, por meio do diário, e em imagens, por meio de suas muitas pinturas e algumas esculturas.

Enquanto em Bachkirtseva “a pintura é a verdade em si”,²¹ o diário é a necessidade de registro de sua humanidade, de sua existência em uma sociedade ainda precária em oportunidades e em possibilidades de reconhecimento intelectual da mulher. Sua obra pictórica é a imagem concreta da apreensão de muitos aprendizados técnicos, exercícios tenazes e persistências intuitivas, enquanto a obra escrita é o relato indiscriminado de

²⁰ Bashkirteff, 1922, p. 211.

²¹ Bashkirteff, 1955, p. 433 (Tome II).

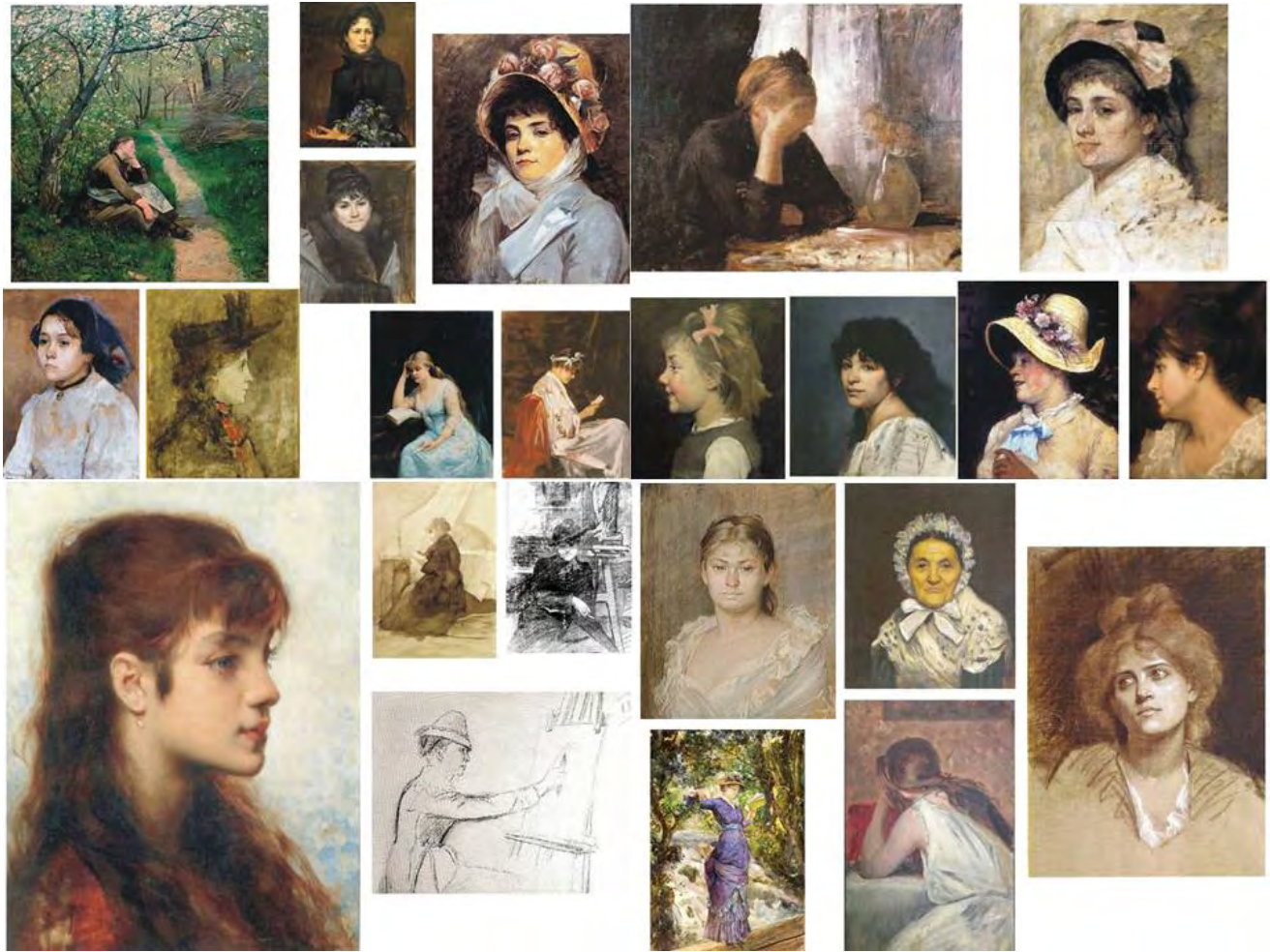


Figura 4 – Retratos feitos por Maria Bachkirtseva

quase todos os dias possíveis, para que o cotidiano de uma vida tão passageira transcendesse seus próprios limites de tempo.

A mulher concentrada em um livro, ou de perfil, ou encarando o leitor/espectador de sua obra – como em seu autorretrato ou na obra da menina com a sombrinha (fig. 6 e 8) –, embora apresente o universo feminino, na maioria das vezes marcado pelo espaço fechado e pelas vestimentas pesadas, reforça seu próprio estado de ânimo: a menina que sorri ou a moça em meio às flores da primavera no espaço aberto são ensaios de expansão; nessas composições, Maria Bachkirtseva busca sair do ateliê.

O olhar entristecido da jovem de chapéu (fig. 5) e do autorretrato da pintora (fig. 6) cede espaço ao olhar de vigor amadurecido, profundo, questionador e incisivo da menina que segura firme sua sombrinha (fig. 8 e 9); o vento nos cabelos dessa menina resoluta celebra um tempo de saúde, a infância, e a tez enrubescida nas bochechas de pele clara, embora denote a ação do tempo frio e sirva de contraposição ao negrume da capa, da luva e da sombrinha, constitui uma postura de persistência.

Muito de Maria Bachkirtseva pode ser compreendido por meio de seu diário e de suas correspondências, que vão desde comunicações com seus familiares mais próximos e algumas figuras da nobreza a personagens de destaque como o historiador Henry Houssaye, os escritores Edmond de Goncourt, *Émile* Zola, Sully Prudhomme, Guy de Maupassant, ou ainda artistas como Tony Robert-Fleury ou o próprio Rodolphe Julian. No diário, *há o registro de muitos diálogos, relatos de viagens, anotações de leituras, mudanças emocionais e descrições de aspectos exteriores oriundos de algum sentimento interior, como a visão de uma fonte, abrigada por uma caverna, com suas gotas de água que constantemente caem*

Figura 5 – Jovem de chapéu enfeitado com uma pena azul, 1878, óleo sobre tela, 55 x 46 cm
Museu Ziem (Martigues, França)





Figura 6 – Autorretrato com paleta, 1883,
óleo sobre tela, 92 x 72cm
Museu de Belas Artes Jules Chéret (Nice,
França)



Figura 7 - Diante de um livro, cerca de 1882, óleo sobre tela, 63 x 60,5 cm
Museu de Arte de Carcóvia (Ucrânia)



Figura 8 - A sombrinha, 1882-1883, óleo sobre tela, 93 x 74 cm
Museu Estatal Russo (São Petersburgo)

de pedra em pedra antes de cair na bacia; ao seu redor, árvores espessas dão a este canto um ar de bem-estar, de mistério, tornando-o preguiçoso e digno de fazer sonhar.

O diário e a pintura de Bachkirtseva são evidências de alguém que esteve sempre inserido na alta sociedade europeia e, mais precisamente, francesa; além da convivência com membros da nobreza e da elite econômica, citados ao longo do diário, outro aspecto recorrente deste é o acesso não apenas aos artistas reconhecidos do período, mas a várias outras figuras de renome (não citadas aqui em sua grande maioria, pois careceriam de um número sem-par de notas explicativas).

A escritora de seu diário antecedeu a pintora, a segunda inexistente sem a primeira, e a primeira sempre conviveu com a sombra da segunda. Para tratar de Maria Bachkirtseva, a pintora, torna-se essencial tratar da escritora de seu diário e de suas correspondências; *é raro que um artista nos deixe um roteiro inicial de compreensão para sua obra por meio de seus próprios relatos; talvez apenas Van Gogh, em suas cartas ao irmão Theo, tenha feito algo ainda mais veemente.* Este texto apresentou apenas um apanhado seletivo dos escritos de Bachkirtseva, que têm nuances muito mais complexas do que foi possível expor aqui. A artista conseguiu alcançar um de seus anseios, o de deixar um documento humano em reforço à sua expressividade como pintora, à sua arte.

Referências bibliográficas

Bashkirteff, Marie. *Journal de Marie Bashkirteff*. Tome I. Paris: Fasquelle Éditeur, 1955.

----- . *Journal de Marie Bashkirteff*. Tome II. Paris: Fasquelle Éditeur, 1955.

----- . *Letters de Marie Bashkirteff*. Paris: Bibliothèque-Charpentier, 1922.

----- . *The Last Confessions of Marie Bashkirteff and Her Correspondence with Guy de Maupassant*. New York: Frederick A. Stokes, 1901.